



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XII (2011)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Relação da Jornada e Itinerário da Índia: contactos e dependências

José Nunes Carreira

Como Citar | How to Cite

Carreira, José Nunes. 2011. «Relação da Jornada e Itinerário da Índia: contactos e dependências». *Anais de História de Além-Mar* XII: 139-152. <https://doi.org/10.57759/aham2011.37224>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2011. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2011. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

RELAÇÃO DA JORNADA E ITINERÁRIO DA ÍNDIA: CONTACTOS E DEPENDÊNCIAS*

por

JOSÉ NUNES CARREIRA**

A 30 de Dezembro de 1605, partiam de Goa para Portugal dois homens fadados para viajantes-escritores – um frade franciscano e um leigo e funcionário da Índia –, cada qual na sua nau. Ou seja: frei Gaspar de S. Bernardino na capitânia *Nossa Senhora de Betancor*, e Nicolau de Orta Rebelo na *S. Jacinto*. As duas naus naufragaram em Madagáscar, rumando a *Nossa Senhora de Betancor*, arrombada, a Mombaça. Cada um dos ilustres passageiros deixou o seu relato de viagem¹.

Em 1969, J. Aubin chamou a atenção para muitas passagens paralelas das duas narrativas², sem se debruçar sobre a origem dos contactos³.

* Este texto beneficiou das sugestões da avaliação externa.

** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ «Relação da Jornada que fez Nicolau Dorta Rabello», in J. Veríssimo SERRÃO, *Un voyageur portugais en Perse au début du XVII^e siècle. Nicolau de Orta Rebelo*, Lisbonne, Comité National Portugais pour la Célébration du 2500^e Anniversaire de la Fondation de la Monarchie en Iran, 1972; Frei Gaspar de S. BERNARDINO, *Itinerário da Índia por terra ate este reino de Portugal com a Descriçam de Hierusalem*, Primeira Parte, Lisboa, Vicente Alvares, 1611. As edições seguintes adaptaram o título ao conteúdo da primeira parte: *Itinerario da Índia por terra até a ilha de Chypre*, Lisboa, A. S. Coelho, 1842; *Itinerario da Índia por terra*, Lisboa, Francisco Xavier de Souza, 1854; *Itinerario da Índia por terra até à ilha de Chipre*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1953. Cito segundo a primeira edição. A «descrição de Jerusalém», de que trataria a segunda parte, e a rota da Terra Santa a Lisboa (terceira parte) nunca viram a luz da estampa, embora a preparação da segunda parte estivesse adiantada (*Itinerário*, XXII, 249).

² J. AUBIN, «Une autre relation du voyage d'Inde en Chipre de Gaspar de S. Bernardino», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fondation Calouste Gulbenkian, Vol. I, 1969, s.l., s.n., pp. 209-215.

³ Existem dois manuscritos na Biblioteca Nacional, n.ºs 328 (cópia do século XVIII) e 341 (cópia do século XVII). Este não vem ao caso, porque lhe faltam os primeiros nove capítulos. Aquele foi transcrito e publicado, com tradução francesa de Simone Biberfeld, por J. V. SERRÃO, op. cit. Em finais do século XIX, Sousa Viterbo (*O Instituto*, Vol. XLIV, 1897) referia a existência de um terceiro manuscrito em mãos de um particular e fornecia uma nota importante: os manuscritos até hoje localizados são cópias do original, eventualmente perdido, que foi enviado para Goa.

Três anos mais tarde, J. Veríssimo Serrão retomou o assunto, defendendo a primazia do relato do franciscano, do qual Orta Rebelo teria copiado, sem no entanto o acusar de plágio⁴. Três argumentos demonstrariam que frei Gaspar é a fonte de Orta Rebelo, a saber: as descrições da partida de Goa, do encontro dos dois viajantes em Mombaça e da cruz de pau que encabeçava a procissão de acção de graças.

J. Veríssimo Serrão observou correctamente que em frei Gaspar, que viveu o naufrágio descrito por ambos, a matéria dos primeiros capítulos da *Relação* pode ser original, tal como as novas ouvidas em Mombaça da trágica peripécia da nau *S. Jacinto*. O franciscano descreve o que se passou entre Madagáscar e o continente africano e refere a fonte da informação sobre o desastre da outra nau – «hum religioso de Sancto Augustinho, chamado Fr. Raphael Brandam», que viajara na *S. Jacinto* até Moçambique⁵. É verdade que, em Orta Rebelo, nem a descrição do encalhamento da nau capitânia nem a «novidade» do que se passara com a *S. Jacinto* têm sentido. Em Mombaça, teria ouvido «novas» (!) sobre o que estava farto de saber: «(...) as novas que nos forão dadas erão dizernos, que a Nao S. Jacintho se perdera na Ilha de S. Lourenço (...)». Mas não chega para provar que o texto depende de frei Gaspar. Os dois textos, tão próximos em vocabulário e fraseologia, não podem ser obra do acaso. Há obviamente dependência. Resta saber de quem por parte de quem.

Retomo o problema com maior fôlego, examinando, com mais pormenor do que Veríssimo Serrão, os paralelos dos dois primeiros capítulos, sem ignorar informações da viagem de Goa a Ormuz. Reconheço a dificuldade da comparação entre um texto que nos chegou em cópia manuscrita (*Relação*) e outro profundamente reelaborado para a impressão (*Itinerário*). Confrontarei, por isso, trechos isolados, admitindo que frei Gaspar trabalhou, mas não alterou profundamente, o teor do seu manuscrito. Sem fazer propriamente crítica textual (colação de várias cópias de um manuscrito, em busca do teor original), aplicarei aos textos paralelos dois princípios desta disciplina, a saber: a) princípio básico, dando preferência à lição, no caso, ao texto mais difícil e menos óbvio em detrimento do mais óbvio e mais correcto – na formulação latina, *lectio difficilior praeferenda*; b) a lição mais breve é normalmente de preferir à mais longa, se não houver motivos em sentido contrário. A razão é que a tendência de quem copia não é tornar o texto abstruso, incorrecto ou incompreensível, mas precisamente o contrário. Erros e incorrecções gramaticais abonam em favor da lição original, no caso, do texto independente. O copista mais facilmente acrescenta do que suprime algo para melhor compreensão do texto.

⁴ J. V. SERRÃO, op. cit., pp. 40-43. «Il paraît donc évident que les deux premiers chapitres de Rebelo sont tirés du récit de Frère Gaspar, à quelques modifications près. Le parallèle [do início do relato] montre bien l'originalité de Frère Gaspar, que son compagnon de voyage a copié en le résumant» (p. 42). Conhecida desde 1745, a *Relação da Jornada que fez Nicolao Dorta Rabello*, que já tinha mais de cem anos, esperou ainda dois séculos para ver a luz da estampa.

⁵ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., IV, p. 20.

É verdade que Orta Rebelo não pode ser original nos dois primeiros capítulos e princípio do Cap. III da sua *Relação*. Só a comparação dos textos permite concluir qual dos dois é mais original.

Na fl. 2v começam as notícias do que se passava na outra nau, o que supõe informação (oral ou escrita) de outra fonte: «a Cappitania teve [as ilhas de Combro] por terra firme e costa de Moçambique, posto que não faltarão nella alguns homens que as conhecerão: contudo não valeu seu dito»⁶... Palavras que frei Gaspar repete com algum recheio⁷.

A partir da fl. 3v a *Relação* esquece por completo a nau *S. Jacinto*, em que viajava o seu autor, e descreve os azares da outra nau com pormenores de quem os viveu, mais uma vez repetidos quase integralmente por frei Gaspar: encalhamento a 12 de Fevereiro às «nove horas da noite» (fl. 3v [62]; *Itinerario*: «tres horas andadas da noite»⁸). Mas nada melhor do que cotejar atentamente os dois textos, a começar em Goa⁹.

Partida de Goa

Relação

Em o anno do Senhor de 1605 aos trinta de Dezembro em o primeiro anno q̃ tomou posse do Estado da India Dom Martim Afonso de Castro, partimos da terra de Goa duas Naos S. Jacintho, em que eu vinha, de que era Cappitão Pero da Sylva, e Bras Telles na Nao Betanca Cappitão mor; sendo a nossa a primeira que com tanta alegria deu a vela, quanto depois a soube recolher com tristeza e pezar, porque assim o merecem os pecados dos homens, que todos os nossos gostos sejam agoados com desgostos. Assim nos, como a Cappitania ao som das charamelas, a que respondiam da outra parte as sonoras doçainas, onde andão os quarteados pendões, cortamos a amarra com saudozas Lagrimas, que amigos, parentes e patrícios, com nos verem partir choravão de saudades: Desta

Itinerario

Imperando no Estado da India a Catholica Magestade del Rey Phlippe nosso senhor, segundo deste nome, e sendo Vice Rey nella Dom Martim Afonso de Castro, partiram de Goa para Portugal, hũa sexta feira trinta do mes de Dezembro, em o anno de seiscentos & cinco duas nãos; A Capitayna nossa Señora de Betanchor Capitão Mòr Bras Telles de Menezes, & a nao *Sam Jacinto*, Capitão *Pero da Sylva* Menezes, dos quais o ViceRey se veyo despedir a bordo dellas, mandando dar a cada hum o Regimento & ordem... largando primeiro *Sam Jacinto* a cevadeira com tanta alegria & alvoroço, quanta depois com tristeza, & e pezar soube colhe-la. D'outra parte a Capitayna fazia o mesmo, inda que com mais vagar. Avendo a bordo muytas embarcações de amigos & parentes que

⁶ «Relação...», fl. 2v-3, in J. V. SERRÃO, op. cit., p. 61. Nas notas seguintes, darei a página correspondente entre parênteses, sem mais referir esta fonte.

⁷ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., I, fl. 3: «das quaes fizerão terra firme, & costa de Moçambique: & posto que não faltarão alguns homens, que as conhecerão, como foy o Contramestre Francisco da Silveyra, e Francisco Lobato, ambos na arte do mar muy expertos & peritos, e outros; com tudo não valeu seu dito...».

⁸ *Ibid.*, I, fl. 3v.

⁹ Os itálicos, para evidenciar os paralelos, são meus.

maneira delles nos apartamos *hũa sexta feira pela manhã tão cedo do dia: quanto tarde do tempo...*

I, fl. 2-2v (61)

de nós se vinhão despedir; cuja saudade acrescentava o tocar da frauta & *charamela*... meneando o brando vento, nas Galés e Navios, os gallardos *pendões* e estandartes... & assi, a voltas de sentidas lagrimas & amorosos abraços, que *amigos* & *parentes* nos davão, dando a boa viagem nos partimos *hua menhaã, tão cedo do dia, quam tarde do tempo.*

I, fl. 1-1v

Os paralelos (não contando o irrelevante pormenor da data, em algarismos/por extenso) são óbvios. Mas nada indica que o *Itinerario* seja a fonte da *Relação*. Pelo contrário, não se compreende que Orta Rebelo tenha transformado o nome inteligível «Nossa Senhora de Betancor» no abstruso «Betanca». Sendo o texto do *Itinerario* muito mais longo, de acordo com a segunda regra, não pode ser a fonte do mais curto. O nome do capitão da S. *Jacinto* é acrescentado de «Menezes». É novo que «o ViceRey se veyo despedir a bordo» das duas naus. Nova é a presença no porto de «muytas embarcações», «Galés e Navios», a «frauta», a adjectivação dos «gallardos pendões e estandartes». Se um texto depende do outro, é frei Gaspar que depende de Orta Rebelo. Mas o que sobra da *Relação* não pode ter sido acrescentado na meia dúzia de anos em que frei Gaspar se recolheu num convento a preparar a edição, enriquecendo-a com abundantes citações de trechos bíblicos, autores clássicos e modernos, devidamente assinalados na margem. Tirando uma palavra ou outra, o franciscano está a seguir um manuscrito diferente do de Orta Rebelo.

Naufrágio

a) O corte do mastro e das enxárcias

Relação

O *Capitão* em a Nao encalhando, *mãdou* logo *cortar o mastro grande e tanto q̃ as enxarcias* forão de *hũa banda* cortadas com grande pezo, que o mastro em si contem, por si mesmo quebrou cahindo, da banda de bombordo, a *cuja pancada* foi tanto o estrondo, e alarido, que muytos cuydavão, que o mundo *Se acabava...*

I, fl. 4 (62)

Itinerario

O *Capitão* que neste passo o não perdeo, *mandou cortar o masto grande*, o que com muyta dilligencia se fez, & *tanto que a enxarcea* foy desfeyta de *hũa banda*, logo elle cahio da outra, a *cuja pancada* tão grande foy a grita, que o mundo nos pareceo *se acabava*, & consumia.

I, fl. 4v

Por uma vez, o *Itinerario* parece mais original, por ser mais breve. Orta Rebelo é mais completo e colorido em informação: «em a Nao encalhando», «com grande pezo, que o mastro em si contem, por si mesmo quebrou», caiu

«da banda de bombordo», «tanto estrondo». A «muyta diligencia», a «grita», o «consumir» podem ser acréscimos de frei Gaspar. Por outro lado, as formulações parecem originais nos dois casos.

b) O lançar da primeira âncora

<i>Relação</i>	<i>Itinerario</i>
<i>e assim perdidos lançamos a primeira ancora com a mais triste salamea, que ja mais em o mar se tinha ouvido...</i>	<i>& assi perdidos, & afflictos lançamos a primeira anchora cõ amais triste salamea que creo ja mais por todo o espaçoso Occeano se ouviria...</i>
I, fl. 4v (62)	I, fl. 4v

A lição de Orta Rebelo é mais breve do que a de frei Gaspar. O mais-que-perfeito «se tinha ouvido», remetendo para factos, foi substituído por um condicional «ouviria», apontando para hipotéticos futuros. Alongar o «mar» em «todo o espaçoso Ocenano» é sinal de dependência, não de originalidade.

c) O lançar de outra âncora

<i>Relação</i>	<i>Itinerario</i>
<i>Lançamos logo outra sobre a qual estive-rão athe pela manhã gastando a noite em bautizar escravos, que ainda não estavam bautizados</i>	<i>Apos esta lançamos outra sobre a qual estive-mos até pela manhaã; gastando a noite em baptizar escravos que inda não erão Christãos...</i>
I, fl. 4v-5 (62)	I, fl. 4v

O «estiverão» da *Relação* foi congruentemente corrigido em «estive-mos» por frei Gaspar, que ia na nau. Do mesmo modo se corrigiu o popular «bautizar» pelo mais correcto «baptizar», substituindo «que ainda não erão bautizados» por «que inda não erão Christãos» (escreve o teólogo). Se houver dependência, a prioridade é claramente da *Relação*.

d) Preparação para a partida

<i>Relação</i>	<i>Itinerario</i>
<i>se forão sem leme, nem mastro, sem forças, nem fazendas em fundo de oito braças, onde estivemos desasseis dias preparandonos do necessário, indo buscar o mastro a terra, donde o trouxerão todo desfeito, e em peças...</i>	<i>tè nos hirmos poer em fundo de oyto braças, sem leme, ou masto grande, sem forças, & sem fazêda, mas com tudo muy ledos, & contentes. Aquí estivemos dezasseis dias, preparandonos do necessario, nos quaes o Mestre foy a terra buscar o masto grãde, o qual trouxe desfeito em pedaços. Depois forão desenterrar o leme do atoleiro em que ficou quando saltou fora, desfazendose para isto toda a enxarcea do traquete, pera a força do cabrestante...</i>
I, fl. 5v-6 (64)	II, fl. 7v-8

São tão óbvios os contactos como as adições e a frescura da descrição de frei Gaspar. Em vez de «se forão», escreve «tè nos hirmos», de quem viveu a experiência. «Em peças» deu lugar a «em pedaços». Sabe-se quem foi a terra – «o Mestre» – buscar o mastro que estava num «atoleiro» e foi trazido «desfazendose para isto toda a enxarcea do traquete, pera a força do cabrestante...». Se alguém copiou, foi sem dúvida o franciscano, inserindo os pormenores da vivência própria.

e) Faque Volai

Relação

[Os negros de visita ao batel] se offereceram ao outro dia trazer *hum mouro da terra, que sabia bem falar Portuguez...* postos em terra veyo logo o *Mouro que fallava Portuguez...* Este *Mouro era natural de Moçambique, e segundo dizia, peccados seus o tinham trazido aquellas partes, como a nos os nossos.* (...) Muito nos alegamos por termos achado em partes tão remotas quem soubesse também fallar a nossa *Lingoagem Portuguez, qual outro Monsaire no tempo de Dom Vasco da Gama em Calicubo.*

I, fl. 7-8 (66)

Itinerario

com elles [mouros da terra] veo *um Mouro chamado Faque Volay, que sabia falar a nossa lingua Portugueza, o qual fora criado em Moçambique, & peccados seus o levarão aquella paragem, como a nós também os nossos.* (...) Grandíssimo foy o cōtentamêto q̃ tivemos, por acharmos em partes tão remotas, quẽ soubesse falar tão bem a *lingoa Portuguesa. Qual outro Monçayde, em tepo de Vasco da Gama em Calecut...*

II, fl. 9-9v

Não pode restar a menor dúvida de que, se alguém copiou, foi, não o funcionário da Índia, mas sim o franciscano. O desdobramento de uma frase em duas revela manipulação do outro texto. As lições mais difíceis são de Orta Rebelo – «nossa Lingoagem Portuguez», «Monsaire», «Calicubo» –, corrigidas no *Itinerario* por «nossa lingua Portugueza», «lingoa Portugueza», «Monçaide», Calecut».

f) Viagem de Madagáscar a Mombaça

Pemba

Relação

(...) *athe que aos seis de Abril chegamos a Pemba, sem sabermos que estavamos em ella, antes imaginavamos ser Zanzabar, o qual tem hum baixo, que chega athe Monfia, sobre o qual cuydando nos que hiamos cahindo, e cuydando nos que hiamos cahindo sobre elle, houve pareceres que dessemos com a Nao á costa, e o capitão mor foi o primrº...* Já a este tempo andava o batel da Nao sondando o mar

Itinerario

(...) *ate que aos 6 de Abril chegamos a Ilha de Pêba, sem sabermos estar nella. Antes des que a vimos, cuydamos ser Zanzibar...*

Estando em Pêba, imaginãdo ser Zanzibar, viamos na carta de marear hum baixo que chegava ate a ilha de Monfia, sobre o qual nos hiamos cahindo, segundo nosso parecer o que visto de todos, derão muytos o seu, foy que varasse a nao em terra, porque muyto melhor era, morrendo

pela banda da terra para lançarmos ferro, tanto que se achasse fundo, o qual nunca o pode achar, senão lá bem junto della...

II, fl. 9v (68, 70)

algũs, salvarẽse os mais, do que hirmos cahir no bayxo, onde todos acabassemos. Andava a este tempo o batel sondando o mar, pera lançarmos ferro em se tomãdo fũdo, o qual não se pode achar por ser muyto.

III, fl. 15v-16

São tão óbvios os paralelos como o carácter primitivo da *Relação*. Descontemos a gralha «Zanzabar» (9v [68]). O que salta à vista é a enorme frase de Orta Rebelo desdobrada em três no *Itinerario*, o corte da repetição «cuydando nos que hiamos cahindo» e as explicações aqui aduzidas para verificar o baixio («viamos na carta de marear»), para levar a nau para terra em condições precárias («porque muyto melhor era, morrendo algũs, salvarẽse os mais, do que hirmos cair no bayxo, onde todos acabassemos») e para não se achar fundo («por ser muito»).

Relação

por outra parte andava a barquinha do Mestre com seis forçados marinheiros buscando algũa entrada por cima do Recife para poder chegar a terra, e se informar dos moradores a qual achou, mas com trabalho, e entrou dentro, onde achou três negros mariscando, os quais devião ser tres Anjos, e nos os tivemos por esses. Estes tanto q̃ os virão, sem mais perguntar, gritarão a grandes vozes dizendo Pemba, Pemba, o que ouvido dos nossos se vierão p.^a Nao remando a grande preça darnos a nova:

II, fl. 10 (70)

Itinerário

Por outra parte andava a barquinha com seys marinheyros, buscando algũa entrada, que todos viamos, pera chegar a terra a tomar lingoa, a qual achou, mas cõ tanto risco que, por cyma de hum arrecife em que as ondas quebravão, andou saltando com bom trabalho dos que nella hiam, tê que por meio destes perigos sahiram em terra, na qual toparam com tres Negros que andavam mariscando, os quaes sem fugirẽ, ou sã lhes perguntar coisa algũa, disserão em sua lingoa ser aquella a ilha de Pempa [sic]. Sabida a verdade dos nossos, se vierão a môr pressa dar a nova.

III, fl. 16

Por um lado, o *Itinerario* parece primitivo: «arrecife», falta da alusão ao «Mestre», «tres Negros» sem parecença com «três Anjos»; por outro, é o relato da *Relação*, com outra frescura, que tem a primazia. As «grandes vozes dizendo Pemba, Pemba» de modo algum dependem do *Itinerario*, tal o vigor da narrativa. O «disserão em sua lingoa ser aquella a ilha de Pempa» é muito mais baço e indirecto. O objectivo da ida a terra, «se informar dos moradores», foi concretizado em «tomar lingoa». Além de começar nova frase, «Sabida a verdade dos nossos» é mais que «o que ouvido dos nossos». Em suma, cada autor tem a sua originalidade e frescura, mas Orta Rebelo não copiou frei Gaspar. Não é preciso confrontar outros paralelos da estadia em Pemba, nem os contributos originais dos dois autores.

Mombaça

Foi preciso chegar a Mombaça para Orta Rebelo narrar como «novas aí ouvidas» o que bem sabia, mas omitira até ali, como se viajasse na nau capitânia. Introduz as «novas» *ex abrupto*. Confrontemos os dois relatos:

Relação

Tanto que fomos dentro, e lançamos ferro que foi hũa terça fr^a des de Abril, logo a gente da cidade. E o *capitão* della por nome *Gaspar Pereira*, o Ouvidor, e Alcayde mor, e *toda a gente* que nella morava; novas que nos forão dadas erão dizernos que a Nao S. Jacintho se perdera na Ilha de S. Lourenço em altura de vinte hum graos a vinte e hum de Fevereiro adonde lhe saltara o leme fora, e *perdera ancora*, e amarras, e alijara sobre isso muyta fazenda ao mar, e *querendo lhe já cortar os mastros* lhe acodio Deus com um *vento na terra* que os tirou della, e pôz fundo, e vendo quã necessidade os obrigava a darem a vela, por não terem leme, ordenaram navegar com as escotas na mão, em quanto se faziam hũas espadellas das entenas, q̃ na Nao havia, para lhe servirem de Leme, como as naos de Alcoxete aquellas pás q̃ trazem pela banda de fora:

III, fl. 11v-12 (72)

Itinerário

Chegados à barra, o *Capitão* da Fortaleza, *Gaspar Pereyra*, com toda a principal gête da Cidade, vierão a bordo & com elles, alguns homens da nao S. *Jacinto*... Estes contarão como aos *vinde hum de Feveireyro*, forão encalhar na Ilha de Sam Lourenço, sobre hum arvoredado de Coral, onde *perderão leme*, & *ancoras* e parte do fato; & estando pera cortarem os mastos, lhes veio *vento da terra*, com o qual sahiram, que na verdade foi merce do Ceo muy notavel, porque doutra maneira não ha duvida senão que todos acabarião a viagem, & vidas, por ser seu perigo muyto mayor que o nosso, pois elles derão em rocha viva, & nos em lama; elles cinco legoas da terra, & nós pouco mais de meya; eles onde a salvação da vida não tinha huma no remedio, & nós onde por merce de Deos, facilmente o achamos. Estando neste perigo tres horas, vendo que o tempo lhes servia, derão às velas sem leme ou cousa que o podesse ser...

IV, fl. 19-19v

Aqui estaria mais uma prova de que Orta Rebelo copiou de frei Gaspar. Como é que um homem que viajara na S. *Jacinto* podia escrever: «novas que nos forão dadas erão dizernos que a Nao S. Jacintho se perdera na Ilha de S. Lourenço em altura de vinte hum graos a vinte e hum de Fevereiro»? Isto faria sentido para o franciscano, não para o funcionário da Índia¹⁰. Mas será mesmo assim?

Não há dúvida que Orta Rebelo utiliza uma descrição de quem viajou na nau *Nossa Senhora de Betancor*. Mas não o *Itinerario*. Os paralelos, em dois trechos de alguma dimensão, são verdadeiramente escassos: nome do capitão, data, referências à(s) *ancora(s)*, aos *mast(r)os*, ao *vento da terra*. Onde terá então vindo a longa e pitoresca descrição do leme improvisado, comparado às «naos de Alcoxete aquellas pás q̃ trazem pela banda

¹⁰ Assim J. V. SERRÃO, op. cit., p. 42.

de fora»? Não do *Itinerario*. «Em como chegamos a Bombaça», do título do capítulo (III), é certamente original. A primeira frase, a pairar no ar sem oração principal, nada tem a ver com frei Gaspar. As «novas» aparecem no *Itinerário* para o fim da descrição, indicando a fonte – os passageiros da nau *S. Jacinto* «chegarão a Mõbaça, em companhia de hum Religioso de Sancto Augustinho chamado Fr. Raphael Brandam, q̃ foy o que nos deu as novas da nao *S. Jacinto*, em q̃ elle tãbẽ vinha pera o Reyno»¹¹. Sem dar a fonte, Orta Rebelo espraia-se em pormenores sobre o que se seguiu ao encalhamento da *S. Jacinto*: «saltara o leme fora, e perdera ancora, e amarras, e alijara sobre isso muyta fazenda ao mar»; «acodio Deus com um vento na terra»; «por não terem leme, ordenaram navegar com as escotas na mão, em quanto se faziam hũas espadellas das entenas, q̃ na Nao havia, para lhe servirem de Leme, como as naos de Alcoxete». Aqui tem o *Itinerario* a lição mais breve, logo mais original. Mas só isso não basta para afirmar que serviu de fonte a Orta Rebelo. Dada a independência dos dois textos, o mais provável é os dois autores que vimos analisando terem compulsado um terceiro texto, donde extraíram os termos paralelos.

O *Itinerario* reduz as autoridades ao capitão, substituindo «Ouvidor», «Alcayde» e «toda a gente que nella morava» por «toda a principal gente da cidade»; perder «ancora, e amarras» e «alijar... muyta fazenda ao mar» transforma-se em perder «leme e ancoras e parte do fato». O mais estranho é o franciscano ter aparentemente secularizado a ajuda de Deus: «lhe acodio Deus com um vento na terra» passou a «lhes veio um vento da terra». Mas só aparentemente. Pois continua: «foy merce do Ceo muy notavel, porque doutra maneira não ha duvida senão que todos acabarião a viagem, & vidas, por ser seu perigo muyto mayor que o nosso, pois elles derão em rocha viva e nós em lama; elles cinco legoas da terra, & nós pouco mais de meya; elles onde a salvação da vida não tinha huma no remedio, & nos onde por merce de Deos facilmente o achamos» – pormenores desconhecidos de Orta Rebelo.

A descrição continua:

Relação

(...) e confiados na Virgem *puzerão* na cadeira em lugar de Piloto hũa imagem de N. Sr.^a da *Penha de França*, que trazia pintada, para que ella fosse a que os *governasse*. Aconteceo vir a nao navegando sem leme *tres dias* direita *sem atraveçar*, nem dar por *davante*, nos quais três dias, e *noites* se occuparão em fazer o modo de governo, o q̃ feito governarão com elle athe *chegar a Moçambique* com grande *trabalho*, pezarozos por haverem feito

Itinerario

(...) Contarão mais que, vendo-se sem governo, hum dos passageyros que na nau vinha, *pusera* um Retabolo que trazia da *Senhora de Penha de França* na cadeyra do Piloto, pera que ella *governasse* como mãy de Misericordia; assi o fez *tres dia e noytes*, *sem* a nao nelles *atravessar* nunca, nem tomar de luva, ou por *de avante*, o que de certo foy evidentíssima maravilha. Entretanto que a Raynha dos Anjos governava: os officiaes se occuparão em fazer duas pàs

¹¹ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., fl. 20.

a modo de governo de haverem dantes Levado tambom piloto, como foi a Virgem Sr.^a nossa. Ao entrar na barra de Moçambique lhes tornou a Nao a tocar, donde tambem se tiverão por perdidos Porem foi nosso S.^{or} servido pelos merecimentos de sua Santa. May Livralos, e trazelos a terra todos com saude;

III, fl.12-12v (72)

com que chegarão a Moçambique, inda que *com dobrado trabalho...*

IV, fl. 19v

Orta Rebelo continua com o sujeito indeterminado – «puzerão», «trazião», «occuparão», «governarão». Nos dois últimos casos, há uma certa contradição, que o autor se apressa a referir. Se puseram a imagem da Nossa Senhora no lugar do piloto «para que fosse ela que os governasse», como é que «se occuparão em fazer o modo de governo, o q̃ feito governarão com elle athe chegar a Moçambique»? Pelos vistos, os marinheiros da *S. Jacinto* não confiaram inteiramente no governo de Nossa Senhora e por isso ficaram «pezarosos de haverem feito o modo do governo por haverem dantes levado tambom piloto como foi a Virgem sr.^a nossa».

Indeterminação e contradição desaparecem em frei Gaspar. Quem pôs o «Retabolo» (não «imagem») de Nossa Senhora «na cadeyra (não «no lugar») do piloto», foi «um dos passageyros que na nau vinha». Os «oficiais» não tiveram dúvidas sobre o governo da Virgem. Apenas resolveram colaborar: «Entretanto que a Raynha dos Anjos governava, os officiaes se ocuparão em fazer duas pàs com que chegarão a Moçambique.» Não se quizeram substituir ao governo da «Raynha dos Anjos». E por isso não tiveram de ficar «pezarozos».

Não pode haver a menor dúvida de que a *Relação* não copiou o *Itinerário*.

Chegamos finalmente à procissão de acção de graças e à sua cruz:

Relação

(...) hia diante da Procissão *hũa Cruz* de pau ferro, a qual se fez na nau de duas tábuas, q̃ na Ilha de S. Lourenço achamos.

III, fl. 12v (74)

Itinerario

Diante de todos, levava Dom João de Monroyo levantada em alto *hũa grande CRUZ*, a qual se fez de duas taboas grossas que eu achey na praya da Ilha de S. Lourenço.

IV, fl. 20v

Os contactos são evidentes. Como a identificação da madeira («pau ferro») falta no *Itinerario*, não é este certamente a fonte da *Relação*. Pôr as tábuas de madeira encontradas em S. Lourenço por cruz processional em Mombaça deve ter impressionado, pela carga simbólica. Orta Rebelo menciona o facto, a natureza e a origem da madeira, dizendo vagamente que tinham achado as tábuas na ilha de S. Lourenço. Frei Gaspar, fazendo suas as palavras essenciais do antecessor, não quer deixar os créditos por mãos alheias e atribui a si próprio o achamento das tábuas.

Aqui chegados, impõe-se uma conclusão preliminar: na maior parte dos casos, a *Relação* é mais fresca e mais sucinta, o *Itinerario* mais elaborado, não podendo ser a fonte da primeira. Se alguma dependência directa houver, é do franciscano. Frei Gaspar corrige deliberadamente o funcionário da Índia: «nossa Lingoagem Portuguez», «Monsaire», «Calicubo» passam a «nossa lingoa Portugueza», «lingoa Portugueza», «Monçaide», «Calecut». Em Pemba, o relato da *Relação* parece mais primitivo. Tem outra frescura. Frei Gaspar é mais elaborado na descrição da barquinha «saltando» entre as ondas «que quebravão» «por cima de hum arrecife». Por outro lado, as «grandes vozes dizendo *Pemba*, *Pemba*» de modo algum dependem do *Itinerario*, tal o vigor da narrativa. O «disserão em sua lingoa ser aquella a ilha de *Pemba*» é muito mais baço e indirecto. Também se corrigiu Bombaça em Mombaça e o popular «bautizar» pelo mais correcto «baptizar», substituindo «que ainda não erão bautizados» por «que inda não erão Christãos». Entre o naufrágio e Mombaça, Orta Rebelo descreve a desdita da nau capitânia, em que não viajava. Por isso, só pode ter utilizado outra fonte.

Mais argumentos excluem que possa ser frei Gaspar. Antes de mais: Nicolau de Orta Rebelo muito dificilmente pode ter copiado de frei Gaspar, pela simples razão de este só lhe poder estar acessível quando terminava o seu manuscrito em Lisboa. Se é «tout à fait certain» que o manuscrito de Orta Rebelo foi redigido durante a viagem e terminado em Portugal entre Junho e Outubro de 1607¹², o autor não pôde contar com o manuscrito de frei Gaspar, só chegado a Lisboa para os fins desse lapso temporal. Orta Rebelo, saído de Alexandreta directamente para Marselha a 27 de Março, levou mais de dois meses a chegar a Lisboa. Frei Gaspar, que passou a Páscoa (15 de Abril) em Jerusalém, na melhor das hipóteses deixou a Terra Santa na última quinzena do mês. Embarcado não se sabe onde (provavelmente em Jafa), viajou para Chipre e daí para Creta. Visitou a ilha e seguiu para Zante e Zefalónia e daí para Corfu. Entrou no Adriático, tocou Veneza e desembarcou em Otranto. Atravessou a península para Nápoles. «Da qual embarcado para Espanha fuy dar em Sardenha, & depois com força de tempestade, nas Ilhas Baleares, ou de Malhorca; & vendo Iviça tomei porto em Denia, fui a Gandia, entrey em Valência de Aragão, da qual caminhei por terra até a corte de Madrid, em que me detive poucos dias... Até que finalmente cheguey a este Reyno de Portugal, onde, com lagrimas de alegria acrescentando as do nosso Tejo desembarquey em Lisboa, minha patria, da qual avia seis anos que partira¹³.» Com um périplo destes, o franciscano não terá chegado a Lisboa antes de meados de Agosto, se não princípio de Setembro, já a redacção de Orta Rebelo devia ir bem adiantada. Durante a longa viagem por terra de Mombruk a Alepo, Orta Rebelo também não pôde copiar frei Gaspar, pois os dois autores ignoram-se mutuamente.

¹² J. V. SERRÃO, op. cit., p. 38.

¹³ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., fl. 4 (no fundo da página: «Prólogo ao lector e argumento de toda a Obra»).

Mais. Se frei Gaspar foi compulsado e copiado por Orta Rebelo, não se compreende que este, com tanto interesse pela cronologia e pelas datas, tenha omitido o levantar ferro e largar velas a 11 de Março¹⁴, a chegada a Melinde às seis da tarde¹⁵; a passagem da Ascensão (4 de Maio) em Pate¹⁶, os «três meses e meio» de viagem entre Pemba e Mombaça¹⁷ e sobretudo a chegada a Ormuz a 18 de Junho de 1606¹⁸.

Nem se compreenderiam as discrepâncias dos dois relatos: distância de Tez a Ormuz (56 léguas no *Itinerario*¹⁹, 50 na *Relação*²⁰); «tres braças e dous palmos de agua» (3v) diferente de «tres braças de fundo menos dous palmos»²¹. O erro de tomar a ilha das Comores por «terra firme e costa de Moçambique» não foi denunciado por um vago «alguns homens». Entre eles contou-se «o Contra mestre Francisco da Silveyra e Francisco Lobato, ambos na arte do mar muy expertos e peritos»²². A ida a terra para buscar mastro e trazer alguém que servisse de intérprete é mais vaga na *Relação* do que no *Itinerário*; logo a lição mais difícil e mais original está em Orta Rebelo. Este ignora os agentes, ao contrário de frei Gaspar: «o Mestre foy a terra buscar o masto grãde, o qual trouxe desfeyto em pedaços; depois forão desenterrar o leme do atoleiro... desfazendose para isso toda a enxarcea do traquete pera a força do cabrestante... (II, 7v-8)»; «Logo mandou o Capitão fosse o batel a terra, para tomarmos lingoa della» (II, 8). Orta Rebelo fala duas vezes (logo, não é gralha) em «Ilhas de Combro» (I, fl. 2v [61]; II, fl. 8v [68]): frei Gaspar mais correctamente em «Ilhas de Comaro» (I, fl.3) e «Ilha de Comaro» (III, fl. 12v). Lição mais difícil e, por conseguinte, mais original é a de Orta Rebelo. Este escreve «Bombaça» (fl. 8 [66]; fl. 9 [68]; fl. 11-11v [70, 72]); frei Gaspar, correctamente «Mombaça» (Caps. IV e V *passim*). Se a partida de Mombaça para Ormuz se dera a 26 de Abril²³, pode confiadamente afirmar-se que se chegou a Ormuz mais de mês e meio depois²⁴. Entende-se a conversão dos «trinta pardaus»²⁵ do frete da terrada para Ormuz nos «dez cruzados»²⁶ conhecidos dos leitores; não o contrário.

¹⁴ *Ibid.*, II, fl. 10.

¹⁵ *Ibid.*, V, fl. 24v: «Tres horas serião da tarde, quando chegamos ao Caes da Cidade de Melinde.»

¹⁶ *Ibid.*, VI, fl. 29v.

¹⁷ *Ibid.*, IV, fl. 19.

¹⁸ *Ibid.*, X, fl. 54: «hum Domingo, dezoyto de Junho».

¹⁹ *Ibid.*, X, fl. 51.

²⁰ «Relação...», fl. 21 (90).

²¹ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., I, fl. 4.

²² *Ibid.*, I, fl. 3.

²³ «Relação...», fl. 14v (76).

²⁴ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., X, fl. 54: «avendo mais de mês & meyo que sahiramos de Mombaça».

²⁵ «Relação...», fl. 21 (90).

²⁶ F. G. S. BERNARDINO, op. cit., X, fl. 51v.

As lições mais difíceis são claramente as de Orta Rebelo, corrigidas em frei Gaspar.

Outras divergências compreendem-se na suposição de que Orta Rebelo é a fonte e o *Itinerario* a cópia: os «catorze dias de alijameto» da nau encailhada²⁷ podem resultar dos «sete dias com sete noites» de Orta Rebelo²⁸. O *Itinerario* parece responder a uma acusação da *Relação*. Diz esta que o piloto da *S. Jacinto*, vendo o perigo em que a capitânia se ia meter, «a não quis seguir, fazendo-o athe ali sēpre». E mandou-lhe recado «que se aquella Nao não virava na nossa volta, havia encalhar aquella noite, fazendo-lhe nos muytos sinaes...» (fl. 3 [62]). Contrapõe e corrige frei Gaspar: «A não Sam Jacinto (ao contrário daquela em que seguia) conheceo as Ilhas (Comaro) & assi se foy cozendo com ellas... & sabendo a gente della q̃ nos hiamos perder, já mais nos quiserão dar sinal ou aviso com alguma peça de artelharia...» (I, fl. 3v).

À luz dos dois critérios básicos da crítica textual – originalidade da lição mais difícil e da mais breve – considero definitivamente afastada a hipótese de Orta Rebelo ter copiado frei Gaspar de São Bernardino. O funcionário da Índia é plenamente original em relação ao franciscano. Este é que corrige («Betanca» por «Betancor», «nossa Lingoagem Portuguez», «Monsaire» e «Calicubo» por a «nossa lingua Portuguesa», «lingoa Portuguesa», «Monçaide» e «Calecut»²⁹), amplia e até contradiz o texto da *Relação*, como acabamos de ver.

O problema é Orta Rebelo não poder ser original na descrição dos azares e da viagem da nau capitânia entre o encalhamento em Madagáscar e a chegada a Mombaça, porque não viveu o acontecimento. Depois do naufrágio, seguiu na arrombada *S. Jacinto* para Moçambique e daí num «pangaio» alugado até Mombaça.

Raras vezes parecem as duas versões originais, o que apontaria para fonte comum dos dois textos. Tem de se encarar, por isso, uma terceira hipótese: deve ter havido outro relato do naufrágio da nau *Nossa Senhora de Betancor* e da subsequente viagem periclitante para Mombaça, o qual serviu de fonte à *Relação*. Se Orta Rebelo não se inspirou em frei Gaspar, aquele (se não ambos) copiou ou adaptou outra fonte, porventura perdida ou desconhecida. Daí viria a descrição do naufrágio da nau *Nossa Senhora de Betencour*, em que não seguia, e as peripécias da viagem dessa nau até Mombaça. É muito provável que ambos os relatos se tenham servido de um texto anterior, aproveitado da melhor maneira segundo a sensibilidade e a formação cultural de cada autor.

²⁷ *Ibid.*, II, fl. 6v.

²⁸ «Relação...», fl. 5 (64).

²⁹ Ver os textos paralelos *supra*, p. 144.

Que os dois relatos conhecidos não terão sido os únicos, admitia-o J. Veríssimo Serrão em 1972: «(...) on peut se demander si c'est [frei Gaspar] la seule source de à laquelle il [Orta Rebelo] ait puisé»³⁰. Por mim, diria antes: pode-se perguntar se a *Relação* é a única fonte compulsada por frei Gaspar. Também o *Roteiro de Viagem* de Antão de Mesquita pode ter utilizado essa e outras fontes: «On ne peut guère en expliquer les confusions et les contradictions, sans admettre qu'il s'est servi de plusieurs récits de ce fameux voyage de 1605-1607»³¹.

Fontes e Bibliografia

AUBIN, J., «Une autre relation du voyage d'Inde en Chipre de Gaspar de S. Bernardino», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fondation Calouste Gulbenkian, Vol. I, s.l., s.n., 1969, pp. 209-215.

BERNARDINO, Frei Gaspar de S., *Itinerário da India por terra ate este reino de Portugal com a Descriçam de Hierusalem*, Primeira Parte, Lisboa, Vicente Alvares, 1611; *Itinerario da India por terra até a ilha de Chypre*, Lisboa, A. S. Coelho, 1842; *Itinerario da India por terra*, Lisboa, Francisco Xavier de Souza, 1854; *Itinerario de toda Índia por terra até à ilha de Chipre*, Lisboa, Agência do Ultramar, 1953.

«Relação da Jornada que fez Nicolao Dorta Rabello», in J. Veríssimo Serrão, *Un voyageur portugais en Perse au début du XVII^e siècle. Nicolau de Orta Rebello*, Lisbonne, Comité National Portugais pour la Célébration du 2500^e Anniversaire de la Fondation de la Monarchie en Iran, 1972.

³⁰ J. V. SERRÃO, op. cit., p. 43.

³¹ *Ibid.*